

## USW endurece oposição à CSN nos EUA

O poderoso sindicato que decidiu se opor aos planos de expansão da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) nos Estados Unidos deu outro passo para impedir a empresa brasileira de assumir o controle da siderúrgica americana Wheeling-Pittsburgh, às vésperas de uma assembléia de acionistas que pode ser decisiva para o futuro da empresa e para os planos da CSN.

Numa carta endereçada à direção da Wheeling, os Metalúrgicos Unidos (USW, na sigla em inglês) ameaçam ir à Justiça se a companhia continuar conversando com a CSN. Se o negócio for consumado, o sindicato promete fazer de tudo para atrapalhar os novos patrões. O USW diz que prefere ver a Wheeling ir à falência do que entregar seu controle à empresa brasileira.

"Seu empenho nesta transação é um insulto para o sindicato e os homens e mulheres que representamos, sem cujo extraordinário esforço e sacrifício esta companhia literalmente não existiria", diz a carta, enviada na quinta-feira e assinada pelo diretor do USW que representa a entidade em negociações com a Wheeling, David McCall. A empresa não se manifestou.

De acordo com o contrato coletivo que protege os interesses dos trabalhadores da Wheeling, o sindicato tem o poder de vetar qualquer mudança no controle da companhia. O USW apresentou à direção da empresa uma reclamação formal em que alega que ela desrespeitou o contrato ao concordar com uma proposta de fusão apresentada pela CSN.

A proposta prevê a criação de uma nova companhia, que controlaria a Wheeling e uma planta operada pela CSN desde 2001 no Estado de Indiana. A empresa brasileira teria 49,5% e injetaria no negócio US\$ 225 milhões por meio de um empréstimo. Após três anos, a CSN poderia receber ações como pagamento da dívida, o que ampliaria sua participação para 64% e lhe daria controle total sobre a companhia.

Se o sindicato e a Wheeling não chegarem a um acordo sobre a reclamação, o USW poderá recorrer à Justiça. Pode até ser que não dê em nada, mas o problema para a CSN é que as ameaças do sindicato terão um efeito imediato ao ampliar a incerteza em torno da transação e as dúvidas dos acionistas da Wheeling sobre a proposta da CSN.

O sindicato é contra o plano da empresa brasileira porque teme que um controlador estrangeiro tente reduzir os benefícios assegurados aos trabalhadores. O USW apóia uma proposta rival apresentada pela distribuidora de produtos siderúrgicos Esmark, que tenta há meses assumir o controle da Wheeling e já assinou com o sindicato um acordo em que promete aumentar os benefícios dos operários.

Na próxima sexta-feira, haverá uma assembléia em que os acionistas da Wheeling escolherão uma nova diretoria para a empresa. A direção atual, que apóia a fusão com a CSN, quer continuar onde está. Uma chapa patrocinada pela Esmark concorre com o apoio do sindicato e de investidores que têm muita influência sobre os acionistas.

Se a Esmark vencer, será o fim das pretensões da CSN. Se a atual direção da Wheeling sair vitoriosa, a proposta de fusão terá que ser submetida ao voto dos acionistas numa nova assembléia, em janeiro. O sindicato ameaça levar o confronto até as últimas consequências se o negócio for levado adiante. Na carta enviada à Wheeling, McCall diz que os trabalhadores não moverão um dedo para movimentar as chapas de aço que a CSN deverá fornecer à empresa.

O sindicato diz ainda que rejeitará a mudança no controle da companhia mesmo se isso levá-la à falência, o que poderia ocorrer se após três anos ela não tiver como pagar a dívida com a CSN. "Nosso sindicato tem uma longa e bem sucedida história ficando ao lado de nossos membros e

nossos aposentados durante concordatas, e podem ficar tranquilos que faremos o mesmo de novo", afirma a carta.

Procurada pelo Valor, a direção da CSN informou que preferia não comentar o assunto. Na semana passada, a empresa melhorou sua proposta aos acionistas da Wheeling, oferecendo US\$ 30 por ação daqui a quatro anos. (Ricardo Balthazar) (*Valor*, 13.11.2006)

### CSN melhora novamente proposta para fusão com a Wheeling

A CSN elevou ontem o valor de sua oferta para tentar se fundir com a norte-americana Wheeling-Pittsburgh (WPC). A CSN disse que contribuirá com US\$ 50 milhões adicionais na WPC, além dos ativos na América do Norte. A proposta anterior era de US\$ 225 milhões – passando agora para US\$ 275 milhões. Além disso, a CSN ampliará o valor dos ADRs (recibos de ações negociados nos EUA) de classe B de US\$ 30,00 para US\$ 32,00 - valor a ser pago após quatro anos da combinação das empresas. Esta é a segunda vez que a CSN melhora a oferta. Em 6 de novembro, a CSN já havia melhorado a proposta de fusão.

A nova proposta é repercussão do comunicado da direção do USW (Sindicato dos Metalúrgicos dos EUA). A entidade afirmou na última quinta-feira, dia 9, que não está disposta em aceitar a fusão entre a CSN e siderúrgica norte-americana WPC. Numa carta à direção da Wheeling, o USW ameaça ir à Justiça se a companhia continuar conversando com a CSN.

De acordo com agências internacionais de notícia, a Wheeling- Pittsburgh informou que seu conselho endossou a oferta melhorada feita pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) para se unir aos ativos norte-americanos da empresa brasileira. A concorrente da CSN na disputa, a norte-americana Esmark, colocou sua própria lista de candidatos a diretores para ser votada na reunião de sexta-feira com os acionistas da Wheeling-Pittsburgh. (*Diário do Vale*, 15.11.2006)

### USW continua se opondo á acordo com a CSN

Os Metalúrgicos Unidos (USW, na sigla em inglês) reagiram manifestando desprezo pela nova proposta da CSN. "Ela não é melhor para o sindicato e, francamente, não acho que seja nem um pouco melhor para os acionistas também", disse David McCall, diretor do USW que representa o sindicato na negociação com a Wheeling.

O contrato coletivo que protege os interesses dos trabalhadores da empresa dá ao sindicato o poder de vetar qualquer tentativa de transferência do controle da Wheeling. O USW teme que a CSN corte benefícios assegurados pelo contrato aos operários se assumir o controle da Wheeling e ameaça recorrer à Justiça para deter a empresa brasileira.

A aposta da CSN é que ela terá melhores condições de enfrentar o sindicato se assegurar primeiro o apoio dos acionistas. "Esta é uma proposta vencedora para todos os acionistas", disse o diretor de infra-estrutura e energia da CSN, Marcos Lutz, no comunicado em que a nova oferta foi anunciada. "Eles terão mais valor, mais opções, mais controle e uma empresa mais forte." (*Valor*, 16.11.2006)

## Trabalhadores da Gerdau constituem o comitê mundial da empresa

Os trabalhadores da Gerdau que atuam em todas as plantas da empresa no mundo - Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Peru, Colômbia, Canadá, EUA e Espanha - devem aprovar esta semana, em Porto Alegre, a implantação do Comitê Mundial da Gerdau. A criação do comitê serve para exigir de forma mais direta que a Gerdau cumpra e respeite os direitos básicos dos empregados da empresa de maneira uniforme em todo o mundo, assinando os chamados Acordos Marco Internacionais (AMI), que são normas regulamentadas pela Federação Internacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (FITIM) e que no Brasil tem a representação da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT) e da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CNTM-FS). O terceiro encontro mundial dos Trabalhadores da Gerdau acontece na capital gaúcha entre os dias 16 e 18 de novembro.

Apesar da resistência imposta pela Gerdau em reconhecer o Comitê Mundial de Fábrica, os representantes dos trabalhadores da empresa que já estão em Porto Alegre garantem que o comitê será constituído e não desistirão das negociações com a empresa, até que os AMI sejam assinados pela Gerdau. (*Valter Bittencourt - Assessoria de Imprensa CNM/CUT*)

## USW processa o México

Os Trabalhadores Siderúrgicos apresentaram uma queixa contra o México por violação do Acordo de Cooperação Trabalhista da América do Norte

O Sindicato dos Trabalhadores Siderúrgicos (USW) apresentou queixa por violações do Acordo de Cooperação Trabalhista da América do Norte contra o governo mexicano por ter removido de seu cargo o líder do Sindicato Nacional de Trabajadores Mineros y Metalúrgicos.

Em uma queixa apresentada ao Departamento do Trabalho dos Estados Unidos sob as cláusulas do Acordo de Cooperação Trabalhista da América do Norte (NAALC), o USW acusou às autoridades trabalhistas mexicanas de violar tanto a lei do país quanto a internacional quando eles retiraram, em fevereiro, o reconhecimento legal ao secretário geral mexicano Napoleón Gómez Urrutia. O USW também acusa o México de falhar na inspeção de segurança na mina Pasta de Conchos, onde uma explosão matou 65 mineiros em 17 de fevereiro.



"O governo mexicano viu Napoleón Gómez como uma ameaça porque lutou vitoriosamente para aumentar os salários, porque se engajou com a solidariedade internacional e porque desafiou as federações sindicais controladas pelo governo" disse o presidente dos Steelworkers, Leo Gerard. "Eles decidiram se valer de qualquer meio ao seu alcance para eliminar a ameaça".



O USW, que representa 850 mil trabalhadores industriais nos Estados Unidos e Canadá, assinou um pacto de solidariedade com os Mineiros Mexicanos em 2004. Em 2005 o sindicato apoiou uma greve dos trabalhadores do cobre no Arizona contra o Grupo México de Mineração, uma multinacional mexicana.

Gérard espera que os Steelworkers e o movimento sindical internacional continuem colocando pressão sobre o próximo presidente do México, Felipe Calderón, para que ele respeite a lei trabalhista internacional e termine com a intromissão governamental no Sindicato dos Mineiros. "Se Calderón decide ser mais razoável que (o atual presidente ) Fox, muito bem. Senão, nos seremos seu pior pesadelo".

O conflito entre o governo e o sindicato, cujos integrantes continuam apoiando Gómez, continua alimentando o clima de incerteza política no México. Em abril as forças de segurança do governo dispararam contra grevistas integrantes do sindicato matando dois trabalhadores. (ORIT Info, 15.11.2006)

## O Brasil também saiu ganhando?

CVRD virou multinacional no Canadá: o Brasil também saiu ganhando?

Lúcio Flávio Pinto \*

A compra da mineradora canadense Inco pela mineradora brasileira CVRD beneficiou o Canadá. Foi o que o ministro da indústria daquele país declarou no dia 19, ao final da análise dos documentos sobre o negócio, que resultou na aprovação da operação, de acordo com o Investment Canada Actted. O governo canadense levou mais tempo do que os acionistas da Inco para dar o seu referendo. E só o fez depois de estabelecer uma série de condições à Companhia Vale do Rio Doce. A empresa brasileira se comprometeu a atender a todas elas, mesmo porque não tinha alternativa.

Segundo essas exigências, a Vale não sujeitará suas operações canadenses a uma redução de pessoal por pelo menos três anos e o número total de empregos nessas operações não poderá ser inferior a 85% dos níveis atuais. Os investimentos no Canadá serão expandidos em diversas áreas, incluindo exploração, pesquisa e desenvolvimento, também pelo mesmo período de três anos. Haverá programas de qualificação de aprendizes nativos (os aborígenes), de estágio e recrutamento, de educação e de treinamento. E também mais recursos para preservação ambiental no Canadá.

Será como se nada tivesse mudado em Sudbury, no Estado de Ontário, e Thompson, em Manitoba, onde a Inco tem suas minas.

A oferta de compra da Vale, apresentada no dia 11 de agosto, era tão boa que duas concorrentes, a americana Phelps Dodge e a canadense Teck Cominco, se afastaram quase imediatamente. A proposta de aquisição de todas as ações ordinárias da mineradora, porém, só seria consumada se conseguisse a adesão dos detentores de ao menos dois terços das ações ordinárias (com direito a voto).

Logo, os controladores de 75,66% das quase 175 milhões de ações ordinárias se prontificaram a negociar seus papéis, recebendo 86 dólares canadenses por cada ação, com ganho de 13,3 bilhões de dólares. Os possuidores das ações ordinárias restantes que seguirem o mesmo caminho ficarão com outros US\$ 4,5 bilhões, dinheiro que será pago praticamente à vista, de uma só vez, com prazo de adesão até o dia 3. No total, serão US\$ 18,5 bilhões (mais de 40 bilhões de reais, o dobro do PIB do Pará)

Graças a essa irrecusável proposta, a Vale se tornou a autora da maior aquisição já realizada por uma empresa privada latino-americana no mercado mundial e controladora integral da Inco, que é a segunda maior produtora de níquel do mundo e a primeira em reservas, com 7,8 milhões de toneladas de níquel contido e jazidas no Canadá, na Oceania e na Indonésia.

Os números decorrentes dessa audaciosa investida são impressionantes, tanto pelo seu valor em si quanto pela repercussão que lhes foi dada pela grande imprensa nacional. De quarta maior mineradora do mundo, a Vale é agora a segunda maior, atrás apenas da anglo-australiana BHP Billiton.

A consultoria financeira Econômica estimou o faturamento anual da Vale em US\$ 16,4 bilhões, que crescerá para US\$ 21 bilhões com a incorporação dos US\$ 4,6 bilhões da Inco. Com esse tamanho, a CVRD subiria 28 colocações no ranking das maiores empresas, passando da 102ª posição para o 74º lugar por receita entre as companhias abertas dos Estados Unidos e da América Latina, segundo o jornal O Estado de S. Paulo. A empresa brasileira com a melhor colocação nesse levantamento é a Petrobrás, que ocupa a 15ª posição, com US\$ 68,47 bilhões. Mas a Vale passou à frente de gigantes, como o McDonald's, a Bellsouth, a Goodyear e a Coca-Cola.

O presidente da Vale, Roger Agnelli, assegurou: "A aquisição beneficia todos os envolvidos, a Vale, os acionistas, funcionários e fornecedores da Inco, as províncias e comunidades no Canadá onde ela atua".

Mas se o negócio foi bom para todos esses personagens, foi mesmo bom para o Brasil? Em particular, foi bom para o Pará, detentor das duas - justamente as maiores - jazidas de níquel de propriedade da Vale em território brasileiro?

Ao que parece, essa é uma questão absolutamente secundária. Todos entraram no canto em uníssono da louvação, como se o que for bom para a Vale se torna, automaticamente, bom também para o Brasil - e não se fala mais nisso. Essa postura lembra a frase de Vasco Leitão da Cunha, ministro das relações exteriores do primeiro governo militar pós-64, o do marechal Castelo Branco: "O que é bom para os Estados Unidos, é bom para o Brasil", disse ele. A gentileza foi retribuída pelo presidente americano Richard Nixon: "Para onde o Brasil for, a América Latina irá atrás".

Mas nem o governo brasileiro imitou o canadense, submetendo os documentos da transação a uma verificação rigorosa, nem a opinião pública foi ouvida ou cheirada, ao menos os 14 Estados onde a companhia atua. O Pará, na pior das hipóteses, é o segundo mais importante do conjunto. Deverá crescer proporcionalmente mais do que Minas Gerais, que ainda é o primeiro.

Mas não em níquel. Nessa substância, a posição paraense já é preponderante. A Vale, que já era dona da jazida do Vermelho, comprou o Onça Puma, também em Carajás, no sul do Pará, de outra mineradora canadense, a Canico. Com essas duas minas e mais uma do Piauí, podia tornar o Brasil auto-suficiente nesse minério e ter alguma grandeza internacional. Cinco anos antes, esse era um setor com pouca capacidade de atrair investimentos. O que está havendo agora é uma mudança radical.

Para poder dar o salto para o primeiro lugar, a Vale precisou mudar de camisa. A área de níquel passa a ser competência da CVRD Inco. Não é de estranhar que a ex-estatal brasileira utilize o nome da empresa canadense, que tem uma marca estabelecida e conhecimento consolidado. Mas daí a manter sua sede em Toronto, Ontário, no Canadá, comandada por um diretor de operações e a maior parte da administração canadense, vai uma grande distância (e não é só geográfica).

Em matéria de níquel, para poder se tornar uma multinacional, a CVRD deixou de ser nacional. Pelo peso das minas, tornou-se, na verdade, canadense. Segundo suas projeções, a produção de níquel deverá alcançar 400 mil toneladas em 2011, sendo 300 mil toneladas no Canadá e 103 mil no Brasil, num mercado consumidor mundial estimado em 1,5 milhão de toneladas naquele ano. A produção da Inco para este ano é estimada em 250 mil toneladas.

É a partir dessa perspectiva que a CVRD vai administrar as jazidas de Carajás, que têm grande relevância nacional. Conseguirá combinar os dois planos? Ou será que, mais do que a camisa, mudou a bandeira? Agora, a presença internacional da empresa, que era de 2%, passará a ser de 30%, proporção inédita em relação a qualquer outra corporação privada brasileira.

Se a operação reafirma os aspectos positivos do estilo ousado de Roger Agnelli, disposto a passar de um extremo a outro tão rapidamente, também revela o outro lado desse modo de agir: o seu elevado grau de risco. O risco faz parte do negócio e ninguém conseguirá crescer, ao menos dessa forma, sem assumi-lo. O problema é: quantos sabem exatamente em que consiste esse risco? Numa iniciativa empreendida com tal rapidez e com tão pouco controle por parte do governo e da opinião pública brasileira, o que está faltando é exatamente o domínio sobre o verdadeiro enredo da ópera. Ou seu libreto integral.

As agências de risco e as instituições financeiras avalizaram o negócio, mas seus comunicados sugerem que o fizeram sob certas reservas e garantias. Irão bancar - e generosamente - a transação, mas provavelmente com uma compensação mais generosa (ou leonina).

Ao anunciar a compra, a Vale informou que possui uma linha compromissada de financiamento de dois anos com quatro grandes bancos: os suíços Credit Suisse e UBS, o holandês ABN AMRO e o espanhol Santander, que formaram um pool de instituições financeiras, dispostas a oferecer até US\$ 34 bilhões para a empresa brasileira utilizar.

O financiamento, de longo prazo, seria fechado nos próximos 18 meses. Mas deverá incluir poupança nacional. Para isso, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) já está sendo chamado a comparecer. A Vale assegura que, além do aporte de aproximadamente US\$ 2 bilhões do seu caixa, não venderá qualquer outro item do seu patrimônio para gerar mais dinheiro para não prejudicar o plano de investimentos que já definiu. Recorrerá mesmo a dinheiro alheio.

Mas logo em seguida à aquisição protocolou junto à Comissão de Valores Mobiliários pedido de registro de distribuição pública de debêntures simples, não conversíveis em ações, no valor de 5 bilhões de reais. O valor apurado com a colocação desses papéis será utilizado para amortizar parcialmente a dívida resultante do empréstimo-ponte com o grupo de bancos. Dessa maneira, a empresaria preservaria a "vida média" da sua dívida "em nível próximo ao registrado antes da aquisição das ações da Inco, a manutenção de um perfil de endividamento de baixo risco e a minimização do custo ponderado do capital, assegurando desta forma a consolidação de sua boa reputação nos mercados financeiros globais", segundo o comunicado distribuído na ocasião.

Esse é o ponto mais delicado para as agências de risco. A dívida da CVRD, que atualmente está próxima de seis bilhões de dólares, quadruplicará com a compra financiada da Inco. O valor corresponde a dois anos e meio de faturamento da empresa, considerando o resultado recorde do ano passado. A grande Companhia Vale do Rio Doce, de fato, entra numa nova fase da sua história de mais de 60 anos.

Um dos principais efeitos da incorporação da Inco é a redução da dependência da empresa dos produtos ferrosos, de 74% para 56% das suas receitas globais, prevenindo-se para uma possível queda de preços do minério de ferro no mercado internacional num momento em que o valor do níquel (que passará a responder por 20% do faturamento da empresa, em segundo lugar) chega ao ponto mais elevado em 20 anos, de quase US\$ 30 mil por tonelada (mil vezes o valor do minério de ferro), com a possibilidade de se manter nesse patamar por mais tempo. A Inco obteve o maior lucro da sua história, de US\$ 653 milhões, justamente no último trimestre, entre julho e setembro.

Com esse movimento, a presença internacional da CVRD cresce 30 vezes. Mas a empresa ingressa também num cenário de sombras, que só ela pode iluminar completamente. Mais uma vez, a sociedade foi surpreendida por esse movimento de cena. E ainda não se recuperou da surpresa. (ADITAL, 14.11.2006)